



## O ENSINO NAS ESCOLAS E O RACISMO ESTRUTURAL: REFLEXÕES A PARTIR DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Amanda V. Passos<sup>1</sup>; Nathália T. Vieira<sup>1</sup>; Marcos Vogel<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Espírito Santo. Alto Universitário s/n – Guararema, 29500-000, Alegre, Espírito Santo, Brasil, amanda@gmail.com, ntavaresv@gmail.com, marcos.vogel@ufes.br.

**Palavras-Chave:** Processos Educacionais, Currículo, Representatividade.

### Introdução

O objetivo do programa Residência Pedagógica é promover aprendizado e aperfeiçoamento da formação docente nos cursos de licenciatura, fazendo com que o residente tenha um crescimento profissional com a imersão na escola de Educação Básica, promovendo ações que auxiliem a relação professor-aluno e entre a teoria e prática de um profissional docente, em conjunto de relatos sobre o ensino e aprendizagem. Este trabalho discute, através de experiências, o ensino nas escolas durante as aulas de Química e o Racismo Estrutural, a partir de experiências adquiridas por meio do Residência Pedagógica em escolas públicas, localizadas em diferentes municípios, que denominaremos de Escola 1 e Escola 2.

Os cursos de licenciatura incorporam estágios em escolas em sua grade curricular, proporcionando aos alunos a oportunidade de aplicar as práticas docentes aprendidas durante a graduação e ganhar experiência como futuros professores. No entanto, há uma grande diferença entre as teorias e a realidade vivida nas escolas brasileiras. Assim, Maria da Assunção Calderano (2012) afirma:

O desconhecimento da realidade escolar afeta o processo de formação docente. Tal situação revela-se na própria prática dos professores que atuam nos cursos de formação inicial que, nem sempre, conhecem a escola por dentro, em sua dinâmica e desafios (Calderano, 2012, p. 270-271).

Portanto, observa-se a necessidade de um envolvimento mais profundo no ambiente escolar para compreender melhor suas relações e dinâmicas. Nesse contexto, o Programa Residência Pedagógica surge com o objetivo de promover o aprendizado e o aperfeiçoamento dos futuros professores na prática docente, estabelecendo uma parceria entre a Universidade e a Escola Básica. Esse programa permite que o residente experimente um crescimento profissional por meio da imersão na escola de educação básica, desenvolvendo projetos que contribuam para uma melhor compreensão da relação entre professor e aluno.

Levando em consideração o exposto, a ênfase desta comunicação é mostrar as experiências desenvolvidas pelo Programa de Residência Pedagógica na qual apresenta um relato de experiência vivenciado. Ademais, dar ênfase e refletir sobre a necessidade da aplicação da lei 10.639/03. Em 2003 a lei foi sancionada que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da presença da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana".

Esta conquista foi resultado da luta dos movimentos negros, com intuito reconhecer e incluir a contribuição do povo negro na história e formação da sociedade brasileira. A lei



fornece orientações, princípios e fundamentos para que instituições de ensino, gestores e professores integrem o conteúdo afro-brasileiro e africano nas suas práticas pedagógicas.

Atualmente, como estudante em processo de Formação de Licenciatura em Química, observando o racismo voltado à escola, na minha experiência pessoal no Ensino Médio falávamos sobre o assunto brevemente apenas no dia da Consciência Negra, e o restante do ano como se não fosse de extrema importância não tínhamos mais nada a respeito. Também, é essa mesma realidade que acompanho nas escolas de Ensino Médio, não houve mudança, pessoas brancas em destaque, escolas periféricas em bairros periféricos composta por mais estudantes negros e vista com baixo rendimento. Escolas com elevado índice de ensino poucos alunos negros presentes na mesma, nas minhas aulas de história apresentaram a história do povo escravizado mas nunca tão aprofundado como deveria ser.

A partir destes fatos, esta comunicação objetiva buscar entender dentro do currículo e dos processos formativos como se dá a abordagem sobre as questões do Racismo Estrutural. Com intuito de analisar de que forma as vivências na sala de aula influenciam nos processos particulares de formação a respeito do racismo. Identificar porque a sociedade é racista e qual diferença como professor iremos realizar com esse entendimento. Apresentar observações de práticas pedagógicas e uma reflexão sobre como o docente deve proceder para combater o racismo estrutural reproduzido nas escolas.

### **Percurso**

Com o objetivo de entender como o currículo e os processos formativos tratam as questões do racismo estrutural, este relato foca em como as experiências em sala de aula afetam os processos individuais de formação sobre o racismo. O estudo visa identificar as causas do racismo na sociedade e explorar como esse entendimento pode influenciar a prática docente. Para isso, foram analisados relatos e reflexões iniciais, incluindo observações das práticas pedagógicas e uma análise das estratégias que os professores devem adotar para combater o racismo estrutural nas escolas.

Demais, essas escritas e reflexões foram feitas em base do livro Diário de Aula do Miguel A. Zabalza (2004), para ter uma compreensão escrita e consciência dos nossos métodos e padrões de trabalho, é importante registrar e refletir sobre nossa prática profissional. Dessa forma, podemos analisar e acumular informações valiosas sobre o nosso desempenho. Como Zabalza (2004) diz:

A redação dos diários leva consigo todo um conjunto de fases sucessivas que facilitam o estabelecimento de um processo de aprendizagem baseado em uma dupla categoria de fenômenos: (a) o processo de se tornar consciente da própria atuação ao ter de identificar seus componentes para narrá-los e (b) o processo de recodificar essa atuação (transformar a ação em texto), o possibilita a racionalização das práticas e sua transformação em fenômenos modificáveis (e, portanto, possíveis de melhorar) (Zabalza, 2004, p. 26).

Além disso, foram realizadas reuniões para discutir as experiências vivenciadas em sala de aula, integrando-as com os Diários de Bordo.



## Observações e Reflexões

Neste programa, foi possível observar as dinâmicas entre professores e alunos durante as aulas de Química. Na Escola 1, notou-se que a maioria da turma era composta por alunos brancos, enquanto os poucos alunos negros se sentavam no fundo da sala e apresentavam dificuldades na compreensão da matéria. Muitas vezes, esses alunos recebiam menos paciência dos professores durante as reexplicações. Em conversas posteriores, enquanto ajudava na resolução de uma lista de exercícios, esses alunos mencionaram que estavam cansados devido ao trabalho em roças ou em lanchonetes à noite. Isso evidencia que a realidade social desses alunos difere significativamente da dos demais colegas, exigindo deles um esforço adicional para acompanhar o ritmo da turma.

Já vivenciado na Escola 2 temos uma realidade completamente diferente, em primeiro momento a fama que a escola tem de ser escola de periferia, a maior parte dos alunos são negros e na turma que acompanhamos era nitido que nem todos estavam sóbrios. Além disso, muitos chegavam com mais de 30 minutos de atraso e saíam da sala de aula quando queriam. A turma era extremamente agitada, e a professora precisava gritar constantemente para conseguir atenção, embora a concentração dos alunos fosse breve. Em dia de avaliação, os alunos se esqueceram da prova, quando a professora permitiu que realizassem a avaliação em dupla, ainda assim tiveram dificuldades significativas, desde problemas matemáticos básicos, como regras de três, até o uso de fórmulas químicas para identificar o número de mols.

Quando pensamos nas características de um médico e um ladrão, infelizmente são de que o médico é uma pessoa branca e o ladrão uma pessoa negra isso representações de que fomos ensinados a sermos uma sociedade racista devido aos fatos sociais e históricos. Ademais, quando pensamos em um professor também pensamos em uma pessoa branca. Raramente pensa primeiro em uma pessoa negra. O racismo científico surgiu como uma maneira de impedir a participação de cientistas negros no meio acadêmico. O Darwinismo Social, por exemplo, promovia a ideia de que as diferenças humanas eram hierárquicas, classificando-as como superiores ou inferiores. Nesse contexto, os negros eram considerados intelectualmente incapazes (Bolsanello, 1996).

Diante dessas observações, também houve uma tentativa de branqueamento da população brasileira por meio da inserção de imigrantes, enquanto os povos escravizados eram relegados às margens da sociedade., atuando apenas como força braçal sem o direito de ter acesso à educação, devido os estudos contestáveis e racistas que o negro não tinha aptidão pela ciência (Santos, 2018).

Apesar dos avanços sociais e filosóficos e dos direitos conquistados e garantidos por lei para enfrentar a desigualdade racial no país, a ideia de racismo científico ainda persiste. Isso traz como consequência, também, a falta da representatividade de cientistas negros e negras que fizeram.

Infelizmente, ainda é possível encontrar uma crise educacional nas escolas, na qual o racismo pode representar obstáculos significativos para pessoas negras. Esses desafios frequentemente impedem que essas pessoas tenham acesso a uma educação que reflita adequadamente a História e a Cultura de seus antecessores (Bersani, 2017). Seguindo essa linha San't Ana e Souza (2022) nos fazem refletir dizendo:

“A educação em Ciências, abarcando o ensino de Química deve ser parte constitutiva do processo de ensino humanizado e antirracista e, assim sendo, deve auxiliar a formação de cidadãos e cidadãs que procuram construir relações sociais éticas. O discurso pedagógico dos professores, direcionado para a questão racial, não deve perpassar somente pelas disciplinas, conceitos e saberes escolares”(San’t Ana e Souza, 2022, p. 4).

Diante do exposto, temos a autora Pinheiro (2023) aborda sobre a influência da não representatividade negra no corpo docente, a falta de interesse dos alunos negros nas aulas de química é reação disto, a falta de exemplos de pessoas negras ocupando altos cargos contribui para que crianças e jovens não enxerguem o potencial de conquistarem mais altos postos. Também apontado por Silvio Almeida que pouco se vê pessoas negras em cargos de ambientes acadêmicos, na qual a situação muda quando observa os trabalhadores de segurança e de limpeza.

Segundo Almeida (2019) essa discriminação pode ser explicada como:

- 1ª pessoas negras são menos aptas para vida acadêmica e para advocacia;
- 2ª pessoas negras, como todas as outras pessoas, são afetados por suas escolhas individuais, e sua condição racial nada tem haver com a situação sócio econômica;
- 3ª pessoas negras, por fatores históricos, têm menos acesso à educação e, por isso, estão alocadas em trabalhos menos qualificados, os quais, consequentemente, são mal remunerados;
- 4ª pessoas negras estão sob o domínio de uma supremacia branca politicamente construída e que está presente em todos os espaços de poder e prestígio social (Almeida, 2019, p.61).

Além disso, com base nas experiências observadas em sala de aula, percebemos que a história do povo escravizado é frequentemente abordada de forma limitada e muita das vezes não abordada, contando apenas na escravidão e sua abolição pela Princesa Isabel com a Lei Áurea. Raramente se explora o destino dos negros após a abolição. A contextualização da temática é frequentemente vaga e incompleta, deixando de abordar de forma adequada o sofrimento contínuo e as dificuldades enfrentadas pelos negros na luta para conquistar seus espaços na sociedade.

Segundo Monteiro (2012) a Lei Áurea pode ser explicada como:

No entanto, se no primeiro momento a Lei Áurea significou a libertação dos escravos do jugo dos seus senhores, no momento seguinte, condenou aqueles a viverem como vítimas do sistema, uma vez que se encontravam livres, sem, contudo, possuírem estudo, documentos, dinheiro, moradia, emprego, escola e nenhuma outra espécie de assistência social proporcionada pelo Estado (Monteiro, 2012, p.360).

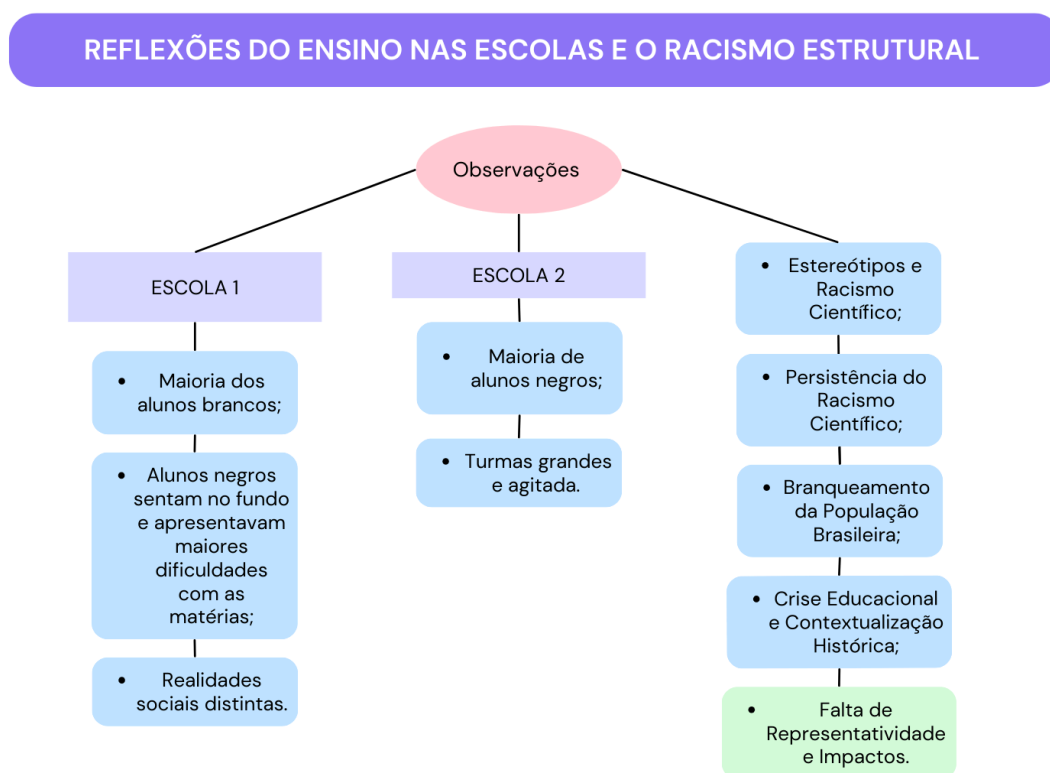
Assim, a abolição da escravidão não foi acompanhada de medidas para a inclusão dos afro-brasileiros na sociedade como cidadãos plenos e não resultou em melhores condições de vida para eles. Os libertos foram deixados sem as mínimas condições de igualdade em relação aos brancos, e a prometida liberdade se mostrou uma ilusão. Sem qualquer tipo de compensação ou apoio, a população negra foi condenada a enfrentar preconceitos e adversidades, levando muitos a continuar trabalhando nas fazendas onde haviam sido

escravizados, trocando seu trabalho por moradia e alimentação. As consequências desses eventos ainda são visíveis hoje (Monteiro, 2012).

Dessa forma, as instituições se estabelecem como racistas porque a sociedade é racista. O racismo estrutural é aquele que está integrado nas próprias estruturas sociais. Para entender como as instituições e a sociedade perpetuam o racismo, observe o número de pessoas negras ao seu redor e os papéis que elas desempenham. Em muitos ambientes acadêmicos, é comum notar a ausência de pessoas negras, exceto em funções como segurança e limpeza. Isso destaca a falta de representatividade mencionada por Pinheiro (2023), que desestimula crianças e jovens a buscar conquistas acadêmicas mais elevadas. Essa discrepância evidencia a presença de racismo estrutural nesses contextos.

Como observado, temos na Figura 1 que corresponde às observações realizadas neste relato de experiência.

Figura 1: Imagem representando as reflexões abordadas no decorrer do trabalho.



Fonte: Próprios autores (2024).

A figura 1 sintetiza o trabalho, mostrando as representações das duas escolas onde realizamos o acompanhamento. Também reflete as percepções e conclusões que obtivemos a partir das contextualizações feitas com auxílio dos Diários de Bordo.

### Conclusões

Diante do exposto, o Programa de Residência Pedagógica tem contribuído para um melhor entendimento dos saberes docentes, incluindo saberes da experiência, saberes



pedagógicos, saberes curriculares relacionados à Educação das Relações Étnico-Raciais e saberes das ciências da educação. Observamos que o programa oferece uma oportunidade valiosa para conectar teoria e prática, permitindo a construção de novos conhecimentos e habilidades. É importante destacar que esses programas de formação de professores são essenciais para uma formação diversificada, pois proporcionam o contato com diversas situações que enriquecem nossa formação. Como Pimenta (1997) observa:

"[...] os cursos de formação, ao desenvolverem um currículo formal com conteúdos e atividades de estágios, distantes da realidade das escolas, numa perspectiva burocrática e cartorial que não captura as contradições presentes na prática social de educar, têm contribuído pouco para uma nova identidade do profissional docente." (Pimenta, 1997, p. 5-6).

Diante das experiências descritas, para transformar essa realidade é fundamental que os educadores adotem uma postura antirracista em sala de aula. Isso implica em questionar situações de discriminação, contextualizar o histórico e destacar os privilégios acumulados pela população branca, com o objetivo de dismantelar o sistema social que favorece uma etnia em detrimento de outras. É necessário buscar intervenções que ajudem os professores a implementar práticas antirracistas na sala de aula. A mudança no racismo estrutural exige um compromisso contínuo e coletivo. Além disso, é crucial promover a presença de pessoas negras em cargos altos e posições de liderança, assegurando que elas tenham voz ativa e visibilidade nas esferas de decisão e influência, bem como aumentar a representatividade em salas de aulas de cientistas negros.

### **Agradecimentos**

Agradecemos à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), à Capes, ao CNPq e à Fapes.

### **Referências**

- Almeida, S. Racismo estrutural. Pólen Produção. **Editorial LTDA**, 60-63, 2019.
- Bersani, H. Racismo estrutural e o direito à educação. **Educação em Perspectiva**, 8(3), 380-397, 2017.
- Bolsanello, M.A. Darwinismo social, eugenia e racismo científico: sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. **Educar em Revista**, 12, 153-165, 1996.
- Calderano, M. A. O estágio supervisionado para além de uma atividade curricular: avaliação e proposições. **Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo**, 23 (53), 250-278, 2012.
- Monteiro, P. F.C.; Discussão acerca da eficácia da Lei Áurea. Meritum, **Revista de Direito da Universidade FUMEC**, 360, 2012.
- Pinheiro, B. C. S. Como Ser Um Educador Antirracista. **São Paulo: Planeta Brasil**, 2023.
- Pimenta, S. G. Formação de Professores - Saberes da docência e Identidade do Professor. **Revista Nuances, São Paulo**, 3(3), 5-14, 1997.
- Sant'ana, C.F. Questões étnico-raciais e professores de química: reflexões para uma prática antirracista. **Educação em Foco**, 27(1), 4, 2022.
- Santos, S. A. Racismos científico no brasil: um retrato racial no brasil pós escravatura. **SciELO Brasil**, 34(68), 257-262, 2018.
- Zabalza, M. A. Diários de aula. Um instrumento de pesquisa e desenvolvimento pessoal. **Porto Alegre, Editora Artmed**, 1, 26, 2004.